

A 42 anos da tomada de Manágua

Via [Contrahegemonía](#)

Em 19 de julho, como hoje, a tomada de Manágua pela Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN) pôs fim a uma das ditaduras mais sanguinárias que Nossa América já conheceu: a do clã Somoza.

A ditadura, que foi criada por Somoza pai após o assassinato de Sandino na primeira metade dos anos 30, foi um aliado privilegiado dos Estados Unidos – “Somoza é um filho da puta, mas é nosso filho da puta”, disse Franklin Delano Roosevelt com cinismo grosseiro – e foi sucedida por dois dos filhos do ditador, o último dos quais foi “Tachito” Somoza. Uma insurreição popular, massacrada até mesmo pela força aérea do regime em várias cidades, forçou as três tendências nas quais o Sandinismo nos anos 1970 foi fraturado a se unir. Combinando a insurreição nas cidades com um movimento guerrilheiro que logo se transformou em exército, a vitória do novo Sandinismo representou uma brisa de ar fresco, especialmente para uma América Latina devastada por ditaduras moldadas pelas concepções da Doutrina de Segurança Nacional.

Esta renovação incluiu o peso decisivo das correntes revolucionárias cristãs, um papel de liderança para as mulheres camaradas nas favelas e na própria FSLN, onde muitas assumiram papéis de liderança na luta armada; uma preocupação sem precedentes pela dimensão cultural na formação das subjetividades, “a revolução dos poetas”, como foi chamada. Representou uma incrível parábola da história onde Sandinismo, herdeiro daquele “exército louco” de camponeses e indígenas liderado por aquele líder mítico que havia derrotado a ocupação ianque nos anos 1920, reapareceu transmutado em uma identidade popular e um novo exército do povo de baixo que

derrotou os herdeiros de Somoza pai. Enormes manifestações de solidariedade surgiram, gritando o “No Pasaran” na Nicarágua e aqui, como em dezenas de outros países, em frente à embaixada ianque. O objetivo era deter os Contras na vizinha Honduras, treinados e financiados pelos Estados Unidos de Ronald Reagan para derrubar e desgastar o governo revolucionário.

Quando a Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN), com seu candidato Daniel Ortega, foi derrotada por uma coalizão de oposição liderada por Violeta Chamorro nas eleições de 1990 e entregou o governo, ficamos muito mais chocados e amargurados com seu impacto devastador do que com o colapso de uma União Soviética que nunca havíamos sentido como nossa.

A posterior decomposição brutal de orteguismo, transformada em um regime que é a negação total e absoluta daquela Nicarágua revolucionária; sua perseguição de toda oposição vinda de baixo, com especial malícia para com muitos de seus antigos camaradas que não abandonaram as bandeiras e os sonhos daquela época; sua aliança com diferentes facções da classe dominante, incluindo a igreja e a feroz perseguição ao aborto; seu acordo com uma das figuras mais repulsivas do antigo regime, Arnoldo Alemán, e a audácia de ousar tomar um ex-membro dos Contras, Jaime Morales Carazo, como seu companheiro de corrida presidencial; a repressão brutal e o assassinato de dezenas de participantes nas manifestações de 2018; O estupro e o abuso sexual de sua enteada, Zoilamérica, por Ortega com o exílio forçado da vítima por ousar denunciar, são apenas alguns dos marcos desta mutação feroz que nenhum confronto com os Estados Unidos – por mais real que seja – pode esconder.

Neste ponto, não existe uma relação genuína entre o regime de Ortega e os processos revolucionários de resistência em Cuba e Venezuela, mesmo com todas as nuances dessas experiências que poderíamos querer apontar. Esta transformação que tanto nos angustia quanto nos move, especialmente uma geração que foi uma defensora entusiasta daquela revolução, não deveria nos fazer esquecer, mas sim revisitar e redefinir aquele gesto

emancipatório. E mais uma vez, quando os combatentes entram em Manágua, devemos saudar o chapéu de Sandino com o punho levantado e os dedos em V levantados.